

O FORMIGUEIRO

JORNAL PARA TODOS

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO XAVIER DA CUNHA

Off. de L. G. de F. de Soc. Civ. de 2-V-1923.

=1882= 3 ANNO	ASSIGNATURA (PAGA AVANTADA) Anno ou 48 numeros. 600; semestre 300; Para fora augmenta a estampilla.	PUBLICA-SE ÀS 2. ^{as} -FEIRAS 2. ^a -FEIRA 13 DE FEVEREIRO	ESCRITORIO Rua de S. Damazo	N. 107
------------------	---	--	--------------------------------	--------

GUIMARÃES, 13 DE FEVEREIRO

A educação do individuo é sem embargo a melhor carta de recommendação que elle pôde ter para se apresentar em qualquer parte. Não tenha elle recursos abastados, não calce luvas, não use botas de polimento, não tenha luxuosos coches nem possa fumar os bons *Havanos*, mas se fôr civilizado, se a sua educação estiver de accordo com os bons principios da Moral, elle pôde fallar com aquelle a quem a fortuna deu luvas amarellas assim como pôde entrar no salão aonde se encontra a aristocracia perfumada, respeitosa e polida, com a origem collegial.

O povo—essa massa enorme de granito—que nada comprehende e de quem os nossos governos até hoje pouco ou nada se teem importado, está actualmente n'um tal estado de deboche que refreial-o é um dever de justiça e uma obra de misericordia. E' certo que esse estado decadente se deve á atrophia demasiada a que o tem votado os snrs. que curam ou devem curar da sua instrucção, por lh'a regatearem, ou até, impedirem; todavia o remedio é indispensavel e não se

pôde escusar, soffra com elle quem soffrer.

Estas considerações, que muitissimo se poderiam ainda alongar, vem a proposito do rigor que ultimamente tem empregado o snr. dr. juiz de direito d'esta comarca para com os individuos que tem julgado por serem desabusados de lingua e injuriarem com más palavras outras pessoas. Sem que nos felicitemos pelo mal d'elles, rejubilamos porque comprehendemos que o snr. juiz é da nossa opinião n'este assumpto. Assim como a educação se deve dar aos innocentes, dê-se tambem aos nescios ou maus, sem principios nem noções de moral.

Que nos ficará chamando o forasteiro que nos visitar e analyse, ouvindo esses escandalosos palavões que ahi a cada canto se pronunciam, como galhofa, ou em altercação? Que nós somos um povo incivilizado, que não temos authoridade que nos admoeste nem justiça que nos castigue.

Muito coherentemente anda o snr. dr. juiz de direito n'este assumpto. As medidas repressivas eram precisas e essas só s. exc.^a d'esta fórma as poderia dar. Falamos assim, porque somos francos e o

nosso caracter tem a independencia precisa para não se curvar a paixões mesquinhas, que espulsa com a maior dignidade.

E' por isso mesmo que não podemos deixar de tocar n'um outro ponto d'este mesmo assumpto, no qual estamos no mais perfeito grau de incontroversia. Diz s. exc.^a que o povo melhor faria se em vez de ir para o tribunal assistir ao julgamento dos reus, ficasse em casa a ganhar o pão de que precisa. Não é exactamente assim, segundo o nosso modo de pensar. Ao contrario, pena é que o povo, especialmente o que mais contribue para a sustentação do batalhão de individuos que comem do fóro, não possa ir assistir a todas as policias ou querellas que se julgassem, porque indubitavelmente d'ahi resultaria haver menos desordens e mais respeito pelo cidadão e pela lei.

Devido a isso, não veriamos o povo abusar como abusa, proferindo obscenidades, praticando o mal, espancando, etc. porque o estimulo tem sempre tido e terá algum valor em todos os tempos. Muitas vezes, em vez de se vêr dar uma bofetada, se ouviria dizer: «se não fosse por me acontecer o mesmo que aconteceu n'outro dia a Fulano, quebrava-lhe a cara»!

FOLHETIM

CASOS

(Continuado do n.º 106)

E cada vez a tratavam com maior desprezo, enchendo-a de nomes e injurias e carregando-a de trabalho.

Anna lembrava-se agora do dia em que o brasileiro fôra a casa d'ella e arrependia-se de ter dito que o serviria! Talvez elle se não lembrasse d'isso, e ella iria para a rua, mas talvez encontrasse uma alma mais caridosa que a acolhesse e tratasse melhor!

—Oh! Estes homens não teem coração!

Antonio Mendes era um homem grosseiro, brutal, cheio de vicios, que não cria na virtude, rindo cynicamente, que não tem piedade da pobreza, maldizendo os desprotegidos da fortuna, desprezando todo aquelle que não tivesse.

Chamava aos pobres—vadios!

Quando algum se lhe dirigia para im-

plorar alguma esmola, voltava-lhe as costas insultando-o e dirigindo-lhe olhares de desprezo e odio! A's vezes era um velho, magro, alquebrado, mal podendo caminhar:

—Cánálha! não querem trabáhar! málandros! Vá trabalhar, seu vadio! seu mpostor! e á policia deixa andar estes mpostores!

A's noites, na rua de Santo Antonio, perseguia as costureiras, fazendo-lhe offerecimento de dinheiro e perguntando se era preciso acompanhal-as.

Era assim um homem sem respeito pela velhice, pela pobreza.

Um trabalhador, um operario para elle era um ente ignobil, sem merecimento.

Não tinha respeito pela honra.

—A' plebe—á classe baixa.

Era assim que denominava o povo.

Tinha medo de que o seu casaco tahlhado n'um bom alfaiate, roçasse pela bluse de um operario, sem se lembrar que a bluse do operario era mais briosamente ganha que o seu casaco, e que assentava mais correctamente nos hombros do artista do que o seu casaco que estava em

completo divorcio com os hombros que o vestiam, que pela fórma pareciam uns barrotos tortos, desformés.

Mas vamos á nossa historia.

Antonio Mendes formava o plano de unir a sua filha mais velha a um rico brasileiro seu amigo, que a desejava por sympathia.

Depois de lhe ter participado o seu projecto, ella acedeu, sem resistencia, porque não tinha unido a sua existencia a ninguém por amor.

Depois de ter tratado do casamento uniram-se.

Julgo que será dispensavel descrever o apparatus de tal facto, porque já está bem visto e descripto por mais de um auctor de contos. Bastará dizer que foi grande o numero de carruagens e ricas as toilettes dos noivos, havendo em casa um lauto banquete, comendo e dançando-se largamente, como é de prever n'uma occasião de tanta felicidade e com umas pessoas de tantos recursos para gastar.

(Continúa)

ANICETO VIEIRA.

O snr. juiz decerto comprehende isto tambem, mas n'aquella occasião não estava de bom humor, e dando esta descompostura ao povo, tornou a audiencia secreta!

Mal entendido, já se vê, por o exordio e não por fechar o tribunal.

AS LICENÇAS PARA A CAÇA

Fomos um pouco laconicos no nosso artigo ultimo, com referencia ás licenças que se requerem aos amantes da caça. Vamos amplial-o.

O imposto é simplesmente um gracejo que não pôde tomar-se a sério quando se esmiuça a razão de ser que elle tem, e é tambem o facho da discordia que pôde produzir sérios tumultos, se repararmos nos seus inconvenientes.

Diz a camara na licença que passa, que «se pôde caçar nos terrenos municipaes ou nos terrenos municipaes alheios». Pergunta-se: quaes são os terrenos municipaes que há hoje, que convenham ao caçador? A camara é quem falla n'elles e é por conseguinte quem os deve apontar. Não só falla n'elles: aluga-os, vende as cabeças de caça que alli se criem e se não cahiu n'um grande erro, se não teve só em vista arrancar do bolso do caçador os dez tostões da licença, deve designar os terrenos ou terreno apropriado que ainda tenha.

Não ha nenhum. Os caçadores de gosto, profissão, vicio ou como lhe queiram chamar, não se dedicam á caça de pequenos insectos, como rapazes entregues ao divertimento da caça de grilos. Querem o monte maninho, aonde lhe valha a pena desprender a matilha ou disparar a espingarda, e isto que a camara lhe *aluga* não o tem ella. E' engraçado!

Este é o primeiro ponto, um ardil, uma embuscada, um como assalto feito ao bolso particular. O segundo, esse custa a crer, porque importa uma arbitrariedade, uma lezão á Carta. Qual é a lei em que se baseou a camara para dispôr do que não é seu? Pois se o terreno é particular, como é que a camara pôde dispôr d'elle? Na verdade, é incrível que se façam leis d'esta natureza!

Imaginemos por um momento que no terreno de qualquer dos snrs. camaristas entra um caçador, convenientemente monido, já se vê, da respectiva licença. Poder-se-ha acreditar que elle consinta em semelhante cousa? Não, decerto. De fórma que o caçador é posto fóra de qualquer terreno com a maior facilidade, apesar de estar authorisado pela camara a caçar, por esta ter cahido na maior das stulticias, cedendo terreno a que não tem o mais pequeno direito.

Não deixava de ser divertido se o proprietario d'um ou mais terrenos era obrigado a tirar licença para caçar e ao mesmo tempo forçado a deixar que outros estranhos vão para esses terrenos tirar-lhe a caça!... E no entanto a licença assim o determina. Quem se responsabilisa, pois, por qualquer desordem que d'este absur-

do possa resultar, quando qualquer caçador queira fazer valer essa disposição da licença? Não pôde deixar de ser a camara, que é a authora da tolice.

Os caçadores foram este anno logrados, segundo o que se está vendo. Actualmente já não ha que valer-lhe porque o imposto foi entregue a um individuo que o arrematou e além d'isso passou o tempo em que se podia e devia fazer a modificação indispensavel. Estude-se, porém, a questão, que a todo o tempo se pôde remediar o mal quando elle é feito inconscientemente ou por ignorancia.

Producto de bazar

A comissão nomeada para o bazar de prendas da Associação Artistica, fez entrega na semana ultima, estando as contas em exposição na casa do cartorario durante 15 dias para serem examinadas pelos interessados.

D'ellas tiramos o seguinte balanço:

Producto geral.....	321\$370
Despeza com os bazares.....	148\$280

Liquido a favor..... 473\$090

Além d'isso foram entregues ainda muitas prendas.

Nova exposição

Eis o programma da exposição de trabalhos mechanicos e das industrias caseiras, promovida pela benemerita e illustrada Sociedade d'Instrucção do Porto:

Trabalhos modernos da actualidade

I—Trabalhos de carpinteria e marcenaria: Serra mechanica. Trabalhos embutidos ou marchetados (intarsia), etc.

II—Trabalhos ao torno em madeira, marfim, osso, etc.

III—Pintura propriamente dita e pintura decorativa: em barro, fayença, porcelana, vidro, madeira, seda, etc.

IV—Escultura propriamente dita e escultura decorativa: flores artificiaes, em estofos, em couro, cera, papel, etc.

V—Desenho decorativo e gravura em madeira.

VI—Tecidos: bordados; rendas e tapeçarias. Trabalhos em palha, vime, crina, etc.

VII—Arte de cortar e talhar. Modelos e padrões para o vestuario.

VIII—Encadernação e cartonagem.

Industria popular

A—Trabalhos de escultura em madeira.

a) Mobiliario domestico.

b) Instrumentos de trabalho, no campo e em casa.

B—Ceramica. (Esta secção ficará reservada para a exposição especial de Ceramica, annunciada para outubro.)

C—Tecidos, bordados e rendas; obras em palha, vime, fiados.

D—Trages e costumes das provincias portuguezas.

—O praso para a entrega dos abjectos encerrar-se-ha no dia 15 de abril, e a abertura da exposição é no dia 29 do mesmo.

Bailes de mascaras

Estiveram bastante animados os dois bailes d'hontem.

No salão aristocratico, havia mascaras de todos os *feitios e costumes*, incluindo até o de metter a perna aos pares dancantes. Ha quem diga que esta era o sr. João Roriz, mas a garotice é de tal quilate que até nos costa a crer que parta do individuo que leva a saca do snr. juiz para o tribunal.

No democratata dançou-se (?) berrouse, e folgou-se, mas ninguem se queixou de semelhante gorutada.

Contraste doloroso...

Na proxima quinta-feira ha n'este theatro um esplendido e extraordinario baile de mascaras, para o qual ha um premio para a dama dançante que mais bem vestida se apresentar.

Passeios nocturnes

Pedem-nos que recommendemos a authoridade umas mulheres que costumam dar o seu passeio ás noites, provocando o sexo forte, e atacando a Moralidade com palavras e accões. Além d'isso não se esqueviam a insultos, injuriando um dos ultimos dias um cavalheiro d'esta cidade, que lhes não deu *confiança*.

A' authoridade lembramos, pois, as referidas meninas.

VARIÉDADES

JOÃO GRANDE E JOÃO PEQUENO

(CONTINUADO DO N.º 406)

E agarra no João Pequeno, mette-o dentro do sacco ata-o muito bem atado com uma corda, pega-lhe ás costas, e diz-lhe:

—Agora, meu amigo, toca a ir bailar até ao fundo do rio!

Tinha porém, que andar muito, e o fardo era pezadissimo. Ao passar pela porta de uma igreja, ouviu dentro tocar o organ acompanhado de vozes lindissimas.

O João Grande poz por terra o sacco em que ia o João Pequeno, encostou-o a uma pedra do adro e entrou na igreja para ouvir aquelles canticos tão bonitos, e tambem para pedir a Nosso Senhor de ter morto a pobresinha da avó. Pensou elle que o João Pequeno estava tambem atado que decerto não podia sahir cá para fóra.

—Ai! ai! gemia o João Pequeno, a fazer mil esforços para se aalvar. Mas qual! Não havia meio de se desatar o nó do sacco.

N'isto chega um velho, que vinha pastoreando um rebanho de bois e de vacas. Uma das vacas tropeçou no sacco e fel-o cahir ao chão.

—Quem vem lá! olá, quem quer que tu és! gritava João Pequeno com todo o vigor dos seus pulmões. Quando me lembro que sou tão rapaz e que já tenho d'ir para o ceu!...

—E eu pobre de mim! respondeu o pastor, sou tão velho, e por mais que peça a Deus, elle não me chama para si.

—Ah! tu tens todo esse empenho em irs para o ceu, pois olha, abre este sacco, mette-te aqui dentro em meu logar, e d'aqui a alguns instantes já tu entras no reino da Gloria.

—Que alegria! exclamou o bom do pastor. E desalou a corda.

O João Pequeno saiu de dentro com toda a ligeireza.

—Agora promette-me, disse-lhe o velho, que has-de tomar conta do meu rebanho.

—Pôdes ficar descansado, cá fico a tractar d'elle como se fosses tu.

O velho muito satisfeito com esta promessa, entrou no sacco, que o João Pequeno atou logo muito atado. Feito que fosse isto, abalou a unhas de cavallo com os seus bois e as suas vacas.

Instantes depois sahio o João Grande da igreja, e tomava de novo o sacco ás costas. Pareceu-lhe muito mais leve do que até alli, e não admira porque o velho não tinha senão a pelle e o osso.

—Ora é celebre! dizia consigo o asno do João Grande. Por ir ouvir aquellas vozes com tanta devoção já Deus me tornou mais leve o meu fardo.

Chegou á ponte e atirou d'ella abaixo com o sacco.

—Vae agora escarnecer de mim para o fundo da ribeira, disse-lhe ao atiral-o. E voltou para traz muito contente.

(Conclue)

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIAS

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES)

COIMBRA

Ha muito tempo que não damos noticias da nossa humilde pessoa aos numerosos leitores do *Formigueiro*.

Uma digressão á Beira-Alta fez, com mau grado nosso, interromper por algum tempo as nossas costumadas correspondencias.

Hoje mesmo pouco poderemos escrever, aguardando para a proxima semana muitos assumptos de interesse.

—Já devem saber que a policia assaltou a casa do Bocca-Torta por causa da *batotinha*. Foram capturadas algumas crianças vadias e oito soldados!

Ora a snr.^a policia é acommettida d'estas loucuras, dando rusga á casa dos desgraçados, e fechando os olhos aos grandes potentados!

Infeliz de quem não tem padrinho...

Casou o meu amigo José Augusto, filho do barão de Fourellos, com a sympathica Olinda. Esta cerimonia realisou-se na igreja de S. Bartholomeu, pelas 10 horas da noite.

Alguns cavalheiros menos educados esperaram os noivos á sahida e fizeram assuada.

São acções indignas, e que só a chicote teriam o verdadeiro correctivo.

O José Casimiro, conhecido pelo homem do canhão, não pôde ganhar os taes 200.000 reis no Circo. Nós bem calculamos que tudo aquillo era pantomimice e que foi um laço bem armado para apanhar mais algumas corôas.

Fôra intrujões...

Alguns curiosos teem dado espectaculos n'um theatrinho em Fôra de Portas. No proximo domingo debuta a Maria dos Anjos. Sabemos que os nossos amigos Xico Araujo e Pinto lhe preparam grande ovação, e que não faltarão os respectivos *bouquets*.

Noite de verdadeiro delirio!
Fallaremos.

Espera-se que o Carnaval esteja animado, e que não faltarão «lourenços»... e bebedeiras.

Gaipeiro.

Vizella, 10 de fevereiro de 1882

Estamos a 10 de fevereiro e ainda não vimos a camara vir em passeio até aqui, para mandar dar um geito ao desmoronado largo da Lameda! Pois será crível que o senado vimaranense não mande o seu engenheiro tirar a planta d'este campo de ruinas para o transpor em jardim á semelhança, ao menos, do de S. Francisco, d'essa cidade?

Dizem alguns: a camara agora não faz aqui nada, porque já não tem o potaco dos banhos. Ora essa é boa; e não recebe os direitos do consumo a par com os do governo? Veja-se o quanto rende Vizella para o municipio, e então conhecendo-se se pôde ou não ser aformoseada como o é Guimarães. Vizella precisa ter attracção para os banhistas e passeiantes, tanto mais que quanto mais crescido fôr o numero d'estes maior é tambem o seu rendimento.

Venham, pois, snrs. vereadores; façam a sua visita. O campo da Lameda precisa assís ser melhorado e precisa de grande plantação d'árvores; o tempo está prestes: não ha demora possivel. Eu em nome de todos os vizellenses vos peço que volteis a attenção para Vizella, povoação digna de melhor sorte.

—Consta-nos que os habitantes do largo da Lameda vão representar á camara offerutando alguns donativos para se abrir uma rua do lado direito a entroncar com a rua Ferreira Caldas. Este pedido é muito justo e de toda a justiça, pois que não havendo esta rua teem os banhistas de dar uma grande volta, por causa de fi-

car o estabelecimento muito distante, o que além d'isso muito prejudica aquelles moradores. A camara deve attender a um pedido tão justo.

—Muito queriamos que a gerencia da companhia dos banhos de Vizella pozesse os olhos na do caminho de ferro de Guimarães; precisaram de dinheiro, abriram 2.^a emissão e em poucas horas foi fechada com mais do dobro do pedido!

Faça o mesmo a companhia dos banhos e terá dinheiro para acabar o que está principiado, ou então deixe que outros procedam a esses trabalhos, de mais a mais sendo com pequeno prejuizo para os accionistas.

—Vizella está muito falta d'aguas: apenas tem duas bicas para toda a povoação! Não tem um deposito que possa alimentar a bomba n'um caso d'incendio no verão. E' de extrema necessidade supprir esta falta. Voltaremos.

Lord Vicas.

ESPECTACULOS

THEATRO DE D. AFFONSO HENRIQUES

Empreza de bailes de mascaras—Quatro bailes—Domingo 19 de fevereiro=3.^o

Baile de Mascaras

THEATRO GIL VICENTE

Cinco bailes = Domingo, 19 de fevereiro=4.^o

BAILE DE MASCARAS

O producto d'estes bailes reverterá em favor da estrada da Penha.

ANNUNCIOS

TRIPAS das que fazem lamber o beijo, ás quartas-feiras no Novo Restaurante de José d'Oliveira Rede Junior, ao armazem de Villa Pouca.

EDITAL

A Junta de Parochia da freguezia de Nossa Senhora da Oliveira

Faz publico que havendo terminado o praso da cobrança da derrama parochial, dá novo praso de 30 dias, a contar da data do presente annuncio. A derrama recebe-se na casa da rua da Rainha, n.^o 124 a 126.

Guimarães 10 de fevereiro de 1882.

O presidente,

Serafim dos Anjos Fernandes.

Quem perdeu?

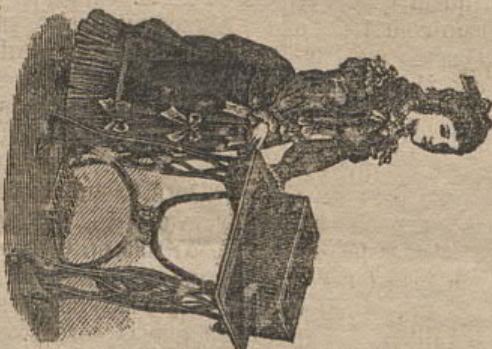
Durante o tempo da empreza, na primeira série de espectaculos no theatro Gil Vicente, encontrou-se um objecto d'ouro, o qual será entregue a quem o reclamar, dando signaes certos e pagando a despeza d'este annuncio.

Dirigir ao mestre carpinteiro Gaspar

MACHINAS DE COSTURA

GRANDE REDUÇÃO DE PREÇOS EM

MACHINAS



Luiz José Gonçalves Bastos,
com estabelecimento de fazen-
das brancas e um **GRANDE**
DEPOSITO DE MACHI-
NAS á rua de S. Damaso, pre-
vine o publico em geral que ac-
ba de receber um novo e com-
pleto sor- **MACHINAS**
tido de **MACHINAS**
DE COSTURA, ALTA
DADE, entre as quaes:
Machinas com pedal
de pendula e Machinas
com pedaes magicos—Es-
tas machinas são tão vantajosas
para a pessoa que traballe n'ei-

las, que todos os meiodos as recomendam para cobhirem o
causago que as outras causavam. Alem d'isso o seu aperfeiço-
mento é tal que são privilegiadas por todos os governos, o
que é decerto uma prova da sua superioridade.

Não se enganem. Estas excellentes machinas só se encon-
tram na rua de S. Damaso. Todas as machinas teem canelei-
ros automaticos, que dão um resultado no ponto incompara-
vel ao de outra qualquer machina. Esta novidade só se encon-
tra a venda n'este deposito.

Não se illudam com os pomposos annuncios d'outros de-
positos, porque esses **SÓ TEM MACHINAS DE UMA QUA-**
LIDADE, pelo que não podem servir bem os compradores.
Aqui ha-as de todos os aulhores, para se vender á escolha do
freguez e se não ter de **impingir gato por lebre**.

As machinas são garantidas. Ensino gratis, em casa dos
compradores, como se tem feito sempre. Conceram-se machi-
nas de todo e qualquer systema, por preços baratos.

Já chegou grande sor- **FAZER MEIA**. São tão van-
tamento de machinas de **tafossas** que
podem fazer **30 pares por dia!!!**

Os preços de todas as machinas é entre 10\$000 reis até
60\$000. Tambem n'este estabelecimento se encontra um lin-
do e variado sortimento de papéis pintados para forrar salas,
desde 80 até 1\$800 reis. Sortimento de agulhas, retrozes e
todos os accessorios para machinas.

MACHINAS DE FAZER MEIA

Venda de vinhos do Douro

QUEM quiser comprar, por junto ou em porções, os vinhos abaixo relacionados e pertencentes a uma casa muito acreditada, dirija-se a Antonio José da Silva Basto, da rua de Santa Luzia, da cidade de Guimarães:

Vinho 1851, 1 pipa

- » Ronção de 1870, 2 pipas
- » Malvazia de 1872, 1879 e 1880, 3 pipas
- » Moscatel de 1872, 1870 e 1880, 4 pipas
- » Alvaralhão de 1879, 1 pipa
- » Velho, 3 pipas
- » Bastardo velho, 2 pipas
- » Prova secca, 2 pipas
- » Tinto fino, 2 pipas
- » Tinto de meza, 5 pipas
- » Lagrima, 6 pipas
- » de consumo, 15 pipas
- » de meza, 22 pipas
- » branco, 7 pipas

Geropiga branca, 2 pipas

Aguardente fina, 1 e meia pipa.

Alquilaria lisbonense

Travessa de Domões n.º 15 e 17

ALUGAM-SE diligencias, victorias, caleches e char-a-bancs por preços os mais rasoavel possivel. Com filial em casa da senhora Maria Thereza Cardoso—a viuva Chapelleira—na rua de Camões n.º 22.

Proprietarios,

Antonio José Pereira Lisboa & C.ª

NINGUEM TEM FRIO AOS PÉS

No deposito de calçado á rua de S. Damaso n.º 115, vendem-se chancas para homens e creanças por preços baixos em relação á sua optima qualidade.

Em o mesmo deposito ha bom sortimento de calçado de sola para homens, senhoras e creanças, que se vende por preços rasoaveis.

DEPOSITO DE CALÇADO

28—RUA DE S. PAIO—30

N'este estabelecimento, ha pouco aberto n'esta rua, encontra-se á venda um bom sortido de calçado para homem, senhora, e criança, tudo por preços excessivamente **BARATOS**. Calçado para homem a principiar em 1\$600 reis; dito de duas sollas, de 2\$000 a 3\$000 reis.